



Adaptação: Sueli Maria de Regino

## **ROSA BRANCA E ROSA VERMELHA**

Era uma vez uma viúva que vivia em uma pequena cabana à beira de um bosque. Em seu jardim havia duas roseiras: uma de rosas brancas e outra de rosas vermelhas. A mulher tinha duas lindas filhas, uma se chamava Rosa Branca e a outra, Rosa Vermelha.

As meninas eram meigas e obedientes, mas enquanto Rosa Vermelha gostava de correr pelos campos, Rosa Branca preferia ficar em casa, ajudando a mãe. As irmãs estavam sempre juntas e costumavam passear sozinhas na floresta, colhendo amoras e cogumelos, sem medo dos animais, que se aproximavam sem lhes fazer mal.

Durante o verão, Rosa Vermelha cuidava da casa e, no inverno, quem cuidava da limpeza era Rosa Branca. À noite, quando a neve caía, Rosa Branca trancava a porta e as três se sentavam perto da lareira. Enquanto a mãe lia em voz alta um livro de histórias, as irmãs faziam seus bordados. Um cordeirinho deitava-se no tapete, aos pés de Rosa Vermelha, e uma pomba, muito branca, dormia em um poleiro com a cabeça entre as asas.

Uma noite, estavam assim reunidas, quando ouviram bater à porta. A mãe mandou Rosa Vermelha ver se era alguém procurando abrigo e, ao abrir, a menina viu um enorme urso negro, que enfiou a cabeça pela abertura da porta.

Muito assustada, Rosa Vermelha gritou e correu para o quarto. O cordeirinho pôs-se a balir, a pomba a voar, e Rosa Branca se escondeu atrás da cama da mãe. O urso disse que não deviam ter medo, e explicou:

— Estou gelado, só quero me aquecer perto da lareira.

A mãe, com pena do animal, disse que ele podia entrar.

— Venha, chegue perto do fogo, mas cuidado para não se queimar.

Então a mãe chamou as meninas e elas voltaram, sem medo, seguidas do cordeirinho e da pomba. O urso, que tinha as costas cobertas de neve, pediu:

— Meninas, por favor, tirem a neve das minhas costas.

Rosa Branca e Rosa Vermelha pegaram suas vassouras e limparam o pelo do urso, que se estendeu diante do fogo, grunhindo satisfeito. Não demorou muito e as duas começaram a brincar com ele. Puxavam seu pelo, subiam em suas costas e batiam nele, bem de leve, com uma varinha. O Urso não reclamava, mas quando as meninas exageravam, rosnava baixinho e dizia:

— Rosa Branca, Rosa Vermelha, tratem bem o seu pretendente!

Quando foram dormir, a mãe disse ao urso:

— Fique perto do fogo e não sentirá frio.

Assim que amanheceu, as meninas abriram a porta e o urso voltou para a floresta. A partir desse dia, todas as noites, sempre à mesma hora, o

urso batia na porta, entrava, e se estendia diante do fogo. As duas irmãs tiravam a neve de seu pelo e brincavam com ele.

Quando a primavera chegou e tudo se cobriu de verde, o urso se despediu de Rosa Branca. Disse que iria embora, pois precisava procurar seus tesouros, roubados por um anão malvado. A menina, que se afeiçoara ao animal, ficou triste com a despedida, mas também ficou curiosa, pois quando o urso ia saindo, esfolou a pele na tranca da porta e ela percebeu alguma coisa brilhando como ouro, debaixo do pelo negro do animal.

Algum tempo depois, as meninas foram apanhar gravetos na floresta. Lá chegando, encontraram uma grande árvore caída, com um bicho esquisito pulando de um lado para o outro do tronco.

Ao se aproximarem, viram um anão bem velho, de rosto enrugado e barba branca, muito comprida. A ponta de sua barba estava presa numa fenda da árvore e por mais que pulasse de um lado para o outro, não conseguia se soltar. Rosa Vermelha perguntou como ele havia prendido a barba e o anão, que era muito grosseiro, respondeu irritado:

— Sua estúpida! Não está vendo? Eu coloquei uma cunha no tronco, para partir a árvore, mas a cunha se soltou e minha barba ficou presa!

As meninas tentaram livrar o anão, porém, como não conseguiram desprender a barba, Rosa Vermelha disse que iria procurar ajuda. O anão, ainda mais irritado, gritou:

— O quê? Querem chamar mais gente? Mas que imbecis!

Rosa Branca lembrou-se de que tinha uma tesoura no bolso e disse:

— Calma, eu já sei o que vou fazer...

Com sua tesoura, a menina cortou a ponta da barba do anão e o soltou. Assim que se viu livre, o homenzinho pegou um saco de ouro, escondido entre as raízes da árvore, colocou às costas e, sem agradecer, saiu resmungando:

— Que meninas burras! Cortaram a ponta da minha barba!

Dias depois, Rosa Branca e Rosa Vermelha foram pescar e viram uma coisa estranha saltitando à beira d'água. Correram até lá e reconheceram o anão. Quando perguntaram o que o homenzinho estava fazendo, ele respondeu:

— É esse bicho maldito, que está me arrastando para o rio.

Com a barba enroscada em uma vara de pesca, o anão lutava contra um peixe que havia mordido a isca e começava a puxá-lo para dentro d'água.

Ao verem que o homenzinho se agarrava aos ramos, quase sem forças para resistir, as meninas o seguraram e tentaram desembaraçar a barba, mas foi necessário, mais uma vez, usar a tesoura. Muito zangado, o anão gritou e esperneou:

— Que meninas burras! Primeiro acabaram com a ponta da minha barba e agora vão cortar a parte mais bonita!

Assim que se viu livre, porém, o anão, bem depressa, pegou um saco de jóias, escondido no oco de uma árvore, e sumiu atrás de uma pedra.

Algum tempo depois, a mãe mandou Rosa Branca e Rosa Vermelha à cidade, para comprar agulhas e linhas. No caminho, as meninas viram uma grande águia, que voava em círculos. De repente, a ave se lançou sobre um rochedo e as irmãs ouviram um grito. Correram para ver o que acontecia e encontraram o anão agarrado a um arbusto, resistindo à águia, que tentava levá-lo nas garras. Bem depressa, as meninas correram até lá e seguraram o

homenzinho, fazendo a águia abandonar sua presa. Quando o anão voltou a si do susto, gritou:

— Não podiam ter mais cuidado, suas palermas? Estragaram o meu casaco!

Sem agradecer, o anão pegou um saco cheio de pedras preciosas e deslizou para dentro de sua toca, entre os rochedos. Rosa Branca e Rosa Vermelha seguiram seu caminho, sem ligar para a ingratidão do homenzinho.

Depois das compras, quando voltavam para casa, as meninas encontraram mais uma vez o anão, que havia espalhado suas jóias em uma clareira da floresta. Rosa Branca e Rosa Vermelha pararam para admirar a beleza e o brilho das pedras, mas quando o anão viu as duas, gritou:

— O que estão fazendo aí, de boca aberta?

O rosto do anão estava vermelho de raiva. Esperneou, gritou, xingou, até que um enorme urso negro saiu da floresta.

Muito assustado, o homenzinho deu um pulo para trás, mas não teve tempo de se esconder, pois o urso barrou seu caminho. Apavorado, o anão implorou:

— Não me devore! Sou muito pequeno, muito magrinho... Pegue essas duas meninas! Olhe como são gordinhas!

O urso, ao ouvir o que o anão dizia, ficou ainda mais irritado, e o matou com uma patada. Rosa Branca e Rosa Vermelha saíram correndo para se esconder, mas quando o urso chamou as duas pelo nome, reconheceram a voz do amigo e voltaram.

Então as meninas viram a pele negra do urso cair. No lugar do animal, apareceu um belo príncipe, vestido com roupas douradas. O rapaz contou que o anão, depois de roubar os seus tesouros, o transformara em um urso

negro. Somente com a morte do anão ele poderia se libertar e recuperar o que havia perdido.

Pouco tempo depois, o príncipe se casou com Rosa Branca e o irmão do príncipe pediu a mão de Rosa Vermelha. No palácio, para onde as irmãs se mudaram, foram plantadas, diante das janelas dos aposentos das princesas, duas roseiras, que todos os anos se cobriam das mais lindas rosas brancas e vermelhas.

Este texto é parte integrante da  
Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras/Português

Acesse pelo site: [www.bibliolibras.com.br](http://www.bibliolibras.com.br)

Direitos Autorais 2016 Copyright© Os textos das adaptações em Libras e Português da Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português podem ser utilizados, reproduzidos e divulgados livremente, com citação da fonte.